

Encontrar a Vida, transformar o Mundo

Pensar uma existência ético-estética segundo o Corpo e o Encontro

Fernando Machado Silva

Um corpo é um complexo de forças regido, maioritariamente, pelas duas forças da Vida: a *mimésis* e a *poiésis*; ele próprio é uma expressão da vida, a efectuação e contra-efectuação de um Acontecimento. As experiências são impessoais, neutras, a-significantes, e o propósito das técnicas e práticas das artes do corpo serve menos a construção de uma subjectividade, de um eu, do que a desconstrução dessa mesma subjectividade; menos a construção de um corpo como meio capaz e eficaz para fins artísticos, do que a procura das suas potências para libertar a vida onde ela está presa, como diz Deleuze sobre a arte. Assim, a "ascese" é um incessante exercício de práticas e técnicas procurando evitar qualquer estratificação de uma subjectividade e de uma significância. Pelo que a análise das práticas e técnicas do corpo, pautando-se por questões biológicas, fisiológicas, sociais, políticas e filosóficas, deverá incidir no modo como se faz a passagem, para usar os conceitos de Eugenio Barba, de um corpo-quotidiano para um corpo-extra-quotidiano, um corpo a caminho da sua máxima potência e ao encontro da Vida impessoal e imanente. Este será um meio, entre vários, de se "encontrar a Vida". Como faremos, então, para "transformar o mundo"? A nossa proposta passa pelo conceito de "encontro".

O "encontro" é o grau zero da ética-estética, é o "encontro de ritmos". Se se quiser separar a ética da estética, isso far-se-á pela inclusão de um corpo: dois corpos para a ética (sendo este encontro já estético, no sentido etimológico, de sensações) e um terceiro, como testemunha, afectando o encontro desses dois corpos (entendendo a estética aqui no seu sentido mais geral). Porém, entre esta libertação da Vida e a transformação do mundo cada um terá de incitar em si um "salto da vontade" e, nesse salto, levar o corpo à sua máxima potência e, tornado plena "hecceidade", que a cada relação se conecte de modo a levar o outro corpo ao limite e, de queda em queda, de sensação em sensação, deformar de tal forma o corpo que já nada o difira da Vida, construindo assim a Anarquia no seu sentido mais rigoroso, um *êthos* horizontal em que cada relação de forças afecta e é afectada de igual intensidade. A dificuldade, a radicalidade e o perigo desta aventura residem precisamente na transformação do mais concreto das máquinas abstractas,

os corpos e suas relações, a forma molecular das moles; e se o corpo – no sentido em que o entendemos, ou seja, "uma vida" – não se transformar, nenhuma transformação se dará.

Esta noção de "encontro" é pautada pelo conceito de devir deleuzeano, de acordo com "*uma zona de vizinhança ou de co-presença*" (Deleuze / Guattari, 1980: 334, itálico dos autores). Se, segundo o filósofo, uma "hecceidade" é inseparável de uma névoa dependente de uma zona molecular com a qual estabelece uma relação de vizinhança induzindo e determinando o seu movimento e repouso; e sendo já nós uma "hecceidade" ou conjunto de "hecceidades, o encontro", ou o devir, só pode descobrir o fundo da relação se o corpo-sujeito se "despir" dos seus estratos¹. Para assim, nu de subjectividade e significância, permitir a mistura nessa zona indiscernível e indeterminada proporcionada pela vizinhança, fazendo ressaltar o comum dos dois corpos e vivido pelos corpos, razão pela qual o devir não é nem identificação, nem imitação, mas criação.

O *telos* da "ascese" da prática artística, na nossa proposta, procura o pôr-se a nu, o despojamento do excessivo, dependendo principalmente de uma transformação da percepção. É certo que há uma profundidade bem real da matéria que compõe um corpo, cuja organização determina o organismo com suas estratificações e contra o qual o CsO se opõe com os seus devires. Não negamos essa premissa. Contestamos antes a profundidade escura e abismal da tópica freudiana preferindo, por a vivermos, a noção de estado de atenção, expandido ou concentrado bem superficial. Nós estamos imersos em relações de forças, as quais, todas elas, à excepção das que se mostram através das percepções macroscópicas, se movem ao nível micro-atómico, na dimensão das pequenas-percepções. A expressão virtual da Vida é totalmente incorporeal, mas o único meio de a sua expressão se tornar actual é pelo meio de uma corporização. O corporal e o incorporeal ocupam o mesmo espaço segundo duas dimensões diferentes em permanente contacto, um mais próximo das pequenas-percepções, o outro das macro-percepções. A separação das duas dimensões depende principalmente do plano, de uma maior ou menor estratificação promovida pela afirmação do transcendental; e o propósito que procuramos com o

¹ Talvez o "horror" da nudez se encontre propriamente aqui, não na nudez de uma corporeidade mas no despir de todos os dispositivos e um corpo apresentar-se como vida, daí não ser estranho que Agamben, no fim do seu artigo intitulado, justamente, "Nudez", nos diga: "[o] matema da nudez é, neste sentido, simplesmente: *haecce!*, 'não há nada a não ser isto'" (Agamben 2010: 104, itálico do autor)

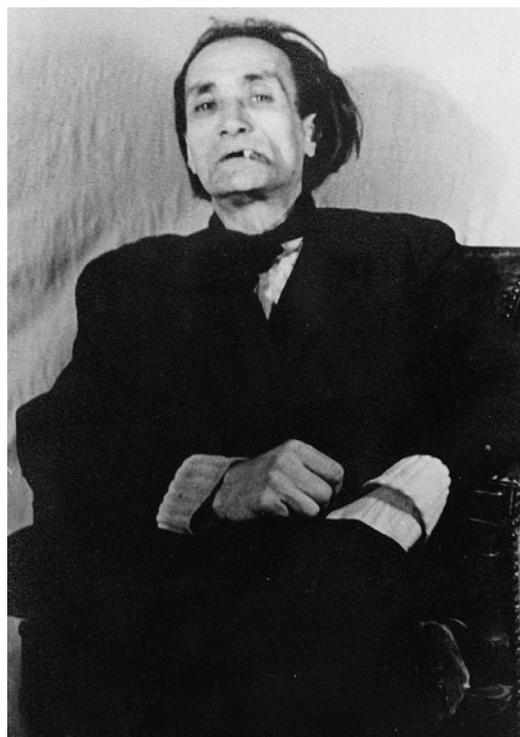
Fernando Machado Silva é actor, performer, assistente de encenação, doutorando em Filosofia Contemporânea pela FLUL e membro do CFCUL e da associação internacional Performance Philosophy.

>
Antonin Artaud.

evidenciar de uma ascese da prática artística do corpo, por ser ele o mais "castigado" e o local pelo qual se acede ao incorporal obstruindo a expressão da Vida, de "uma vida", é o de uma busca da plena justeza das duas dimensões, a sua não-separação. Só com uma prática que elimina quer a ideia de uma separação, quer a prática de tal separação e, desta posição, ir corroendo todas as relações, todos os dispositivos que fundam as várias estratificações, se pode, enfim, libertar a Vida. A transformação dá-se pelo "encontro", pelo encontro de ritmos, pelos agenciamentos. Se já antes tínhamos dito que o "encontro", era o de dois corpos, de ritmos, o que pressupõe que um corpo é, em si, um ritmo, cremos que o modo como a Vida se efectua e contra-effectua num corpo se faz por *ritornello*.

Sobriedade, devires, afectos, ritmo, agenciamento, tudo isso compõe, ou deveria compôr uma técnica do corpo, uma "ascese" que, enquanto o forma, o deforma; uma prática que se inicia num agenciamento artístico para libertar a vida e, por fim, ir minando, partindo, fracturando, abrindo o seu caminho, pela afirmação de um *êthos*, até romper todas as estratificações do *socius* e chegar-se à ordem do Cosmos, à Vida por ela mesma, a Anarquia. Por isso um corpo é um ritornelo no sentido último proposto por Deleuze / Guattari, um "cristal de espaço-tempo" "[agindo] sobre aquilo que o rodeia, som ou luz [outros corpos, instituições, dispositivos, etc.], para tirar daí vibrações variadas, decomposições, projecções e transformações" (*ibid.*: 430). A questão aqui é a de perceber que os corpos são continuamente lançados em modelos arborescentes, identificatórios, representativos, embora ilusoriamente deixados a prosseguir um "bem maior", delineado por uma biopolítica que abraça a vida do corpo e a libertação de uma individualidade.

O "encontro" de corpos, esse que consubstancia uma ética, deve procurar, igualmente, ou estar atento ao brotar desse novo ritmo, começando antes de mais com outro processo de identificação. O "desnudamento" do corpo que referimos, o pôr-se a nu de subjectividade e significância de modo a produzir-se uma zona de indiscernibilidade passível de fazer ressaltar o comum entre duas vidas e soltar as linhas de um devir – um momento de criação –, parece-nos ser o traço que falta às três características distintivas do processo oferecido por Deleuze em "Bartleby", embora o desnudar possa ser entendido, também, como um dos resultados finais do "encontro", ou seja, é preciso um desnudamento forçado para se alcançar um desnudamento vital. Assim, o "encontro", de acordo com a fórmula deleuzo-bartlebyana, requer um "traço" de expressão, uma "zona" de indistinção (ou de indiscernibilidade, de ambiguidade) e uma "função" de fraternidade universal. A primeira opõe-se à apropriação



e adaptação da imagem ou da forma, para uma recolha e procura de conexão das marcas dos corpos e do agenciamento a ser produzido; a segunda trata de estabelecer um espaço de forças de onde se pode traçar um devir, no qual um sujeito afim de uma subjectividade e significância se desvanece: é o espaço de relação das pequenas-percepções, das singularidades, da queda das sensações, de choque de ritmos pessoais para um impessoal, da própria zona; a terceira impede a rivalidade mimética desencadeada pelo processo anteriormente referido. Tal como nos informa Deleuze, essa rivalidade mimética decorre da mobilização de uma função paterna, "a imagem é por excelência uma imagem de pai, e o sujeito é um filho, mesmo se as determinações se alterarem" (Deleuze 1993: 99). Esta função de fraternidade faz-se sobre a ruína dessa imagem, busca a solvência da imagem pai, da lei, da moral, afim de instaurar laços de aliança fazendo com que cada um seja irmão/irmã do outro, mas também um outro nó nos laços de coração, uma amizade que já não será "uma circunstância exterior mais ou menos favorável, mas, permanecendo todavia a mais concreta, uma condição interior do pensamento como tal" (*idem* 2003: 307), pois é com o amigo/a concreto/a e com aquele que não há, dir-nos-ia Derrida, o amigo/a por vir, do porvir ou no devir desse povo que falta e que vem, "que se atravessam as provas como a amnésia, a afasia, necessárias a todo o pensamento" (Deleuze *apud ibid.*). É deste modo que o "encontro" afecta simultaneamente o corporal e o incorporal. Há – através da prática do corpo, tais como exercícios de ritmo, de resistência, de agilidade, de fluidez que ajudam a desnudar, forçam o desnudamento, o qual implica uma paulatina dilatação do "estado de atenção" e não do teatro do inconsciente – alterações de ritmos vitais, transformações que obliteram as estratificações. Pense-se no estranho *kata* cabalístico de Antonin Artaud em "Um atleta da afectividade": mediante três tipos diferentes de localização da respiração, conjuntamente



<
Antonin Artaud.

com o deslocamento de forças que alteram o equilíbrio chegamos a uma experimentação dos afectos, das emoções e sensações totalmente independentes de psicologismo, significância e subjectividade. Ou então o particular exercício, dentro e fora de cena, dos actores Nô e Kabuki e recuperado pelo Butoh, denominado de *jo-ha-kyu*, que significa à letra princípio-quebra (ou mudança)-rapidez, amplamente analisada por Eugenio Barba em *Canoa de papel*. Nestes exemplos não há possível mecanização do movimento em si e a "atenção" concentra-se em absoluto no devir do próprio movimento, nas flutuações de energia, nas quedas das sensações. Todas estas experimentações de ritmos, sensações, respirações, movimentos têm o seu reflexo no incorporal, alteram os esquematismos miméticos de identificação, do próprio pensamento e do "estado de atenção".

Ora, se o "encontro" se diz como propulsor de uma ética-estética constituído por quatro condições, teremos, igualmente, de evidenciar que não se ampara em condições transcendentais aquém das condições imanentes que se geram com a produção de um plano de criação. O "encontro" surge, pois, tal como o plano de imanência deleuzo-guattariano. Ele é, por um lado, estritamente amoral e, por outro lado, à medida que se vai dando forma a sua consistência, encontrando os seus ritmos, deixando as suas marcas, definindo as suas zonas, descortinando o modo da sua função, a diferentes graus de intensidade. A cada "encontro" a sua *ética*! De um "encontro" entre dois corpos resulta uma ética, mas o reencontro desses mesmos dois corpos pode resultar no desconcerto do anterior, um ganho ou uma perda, ou mais precisamente uma *queda*. Todavia, haverá sempre um plano, por mais

frágil que seja, resultante do primeiro "encontro" e transportado para o próximo. O que é incerto é a ética criada ser a mesma num outro com diferentes corpos, entre um que já passou por um e outro, ambos vindo a produzir um novo "encontro". Dir-se-á, por um lado, que há uma *ética* do encontro, dependendo das quatro condições e resultando uma ética e, por outro, há o "encontro" de éticas, no sentido de mistura de ritmos de dois modos de existência. De um modo ou de outro há criação de um novo corpo, um diferente do corpo-quotidiano, e o propósito será o de contagiar todas as relações, atravessá-las, colocando em questão o problemático de cada corpo e do seu *êthos*. A criação de um impessoal, de uma sociedade de impessoais e sem apropriação.

Há diferenças que se podem esboçar entre o "encontro" desenvolvido numa ascética da prática do corpo e essoutro que atravessa a máquina da arte e contagia o social. Na máquina o "encontro" é todo o processo que tende para um "espaço do Acontecimento", máquina dentro da máquina com o propósito de arrancar a vida, espécie de ante-cena do social, experimentalismo com o intuito próprio da criação artística. Porém, tratando-se de uma "ascética" e de uma real ante-cena, o "encontro" deve ser lançado para fora de toda a cena, ou seja, produzir um corpo-extra-quotidiano que obste à clausura e à territorialização pela máquina, lutando constantemente contra a sua estratificação. Os corpos-extra-quotidianos, percorrendo as mesmas ruas, deverão contagiar, arrastar os corpos-quotidianos nos seus devires, espécie de electrões radicais que afectam uma molécula excitando-a de modo a atingir outro grau de intensidade, para desintegrá-la e saltar em direcção a outra. Esta é a grande diferença entre os dois "encontros": um é ainda mediático e mediado, o outro imediático e imediado, um outro tipo de "espaço do Acontecimento" ou, nas palavras de Hakim Bey, uma "zona autónoma temporária" (*temporary autonomous zone*) (Bey 1994: 17).

O "encontro" pode ser nada mais que o encontro físico para um café ao fim da tarde, mas a dificuldade está no que ele implica: o desnudamento, a procura de uma desestratificação, um abandono de toda a moral e ética, ancoradas num transcendental, de modo a que se criem outras. É um espaço de pura vontade e desejo, mas de outra natureza. A crítica comum à Anarquia surge

precisamente porque se faz dentro de um enquadramento capitalista que alimenta o sentido do desejo enquanto falta, da luta cega por uma individualidade, uma subjectividade votada a desprezar a vida e todas as suas potências, a expressão execrável do pensamento de uma sub-vida de remorsos e ressentimentos. O "encontro" é um espaço de vontade de vida, de força, de procura da fluidez do desejo, experimentalismo do que pode um corpo, o qual só pode acontecer se se deixar de tomar o corpo como meio de uma qualquer instância fora da imanência. O que há a fazer é "aqui", de mão-a-mão, de boca-a-boca, de respiração-a-respiração, face-a-face, corpo-a-corpo, tornando horizontais todo o tipo de relações, as quais nunca chegarão alguma vez a sê-lo se não se procurar, também, transfigurar os processos de identificação miméticos em poéticos. É um trabalho duro, solitário, uma ascese infinita porque nunca se sairá da fronteira, mas igualmente uma certa "arte de si" feita em conjunto entre corpos, falhando e caindo uma e outra vez. É na prática artística do corpo - não acomodada a uma só técnica e respigada aqui e ali, construindo um agenciamento, expandindo o "estado de atenção", promovendo a abertura atenta às pequenas-percepções, aos devires, às forças, prática tornada "obscena" (saindo da cena), executada na vida quotidiana a cada passo, gesto, respiração, olhar, palavra - que conseguimos arranhar a superfície do problema do Corpo-Vida. Talvez a questão seja afinal como construir para si um *ritornello*, como encontrar o seu *ritornello*, pois este passa por um CsO: ir ao "encontro" da Vida, dançar os seus sins apa-pa-pa-pai-xonadamente, com um salto da vontade até que corpo e pensamento caiam com o mesmo peso.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio (2010), *Nudez*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, col. Filosofia.
- BAY, Hakim (1994), *Immediatism: Essays by Hakim Bey*, Edinburgh and San Francisco, AK Press, 2nd edition, (1992).
- DELEUZE, Gilles (1993), *Critique et clinique*, Paris, Les Éditions de Minuit, col. Critiques.
- (2003), *Pourparler, 1970-1990*, Paris, Éditions de Minuit, col. Reprise, (1990).
- DELEUZE, Gilles / GUATTARI, Félix (1980), *Mille plateaux*, Paris, Les Éditions de Minuit, col. Critique.